

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO  
Centro de Ciências Humanas – CCH  
Escola de Educação

A CONTRAMÃO dos PROJETOS SOCIAIS  
Investigação sobre a Formação de Jovens  
Universitários Moradores de Espaços Populares

Livia de Souza Vidal

RJ  
2004

**Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO**  
**Centro de Ciências Humanas - CCH**  
**Escola de Educação**

Monografia Apresentada ao Curso de Pedagogia  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO  
Requisito a obtenção do Título de Licenciatura em Pedagogia  
Orientador: Dr. Diógenes Pinheiro

RJ  
2004

*Ella está en el horizonte -dice Fernando Birri- Me acerco dos pasos, ella se aleja  
dos pasos más.*

*Camino diez pasos y el horizonte se corre diez pasos más allá.*

*Por mucho que yo camine, nunca la alcanzaré.*

*Para que sirve la UTOPIA?*

*Para eso sirve: para caminar*

*Eduardo Galeano<sup>1</sup>*

---

<sup>1</sup> Frase célebre do escritor Uruguai Eduardo Galeano.

Retirado do site: <http://delta.cs.cinvestav.mx/~jmgomez/jmwebpage/galeano/galeano.html>

## Agradecimentos

Agradecer talvez seja uma das etapas mais difíceis desse trabalho... É uma árdua tarefa, pois no caminho em que me faço estou acompanhada, me faço com o mundo e com os outros, parodiando Paulo Freire. Agradecerei aos encontros de amor dos quais tive a oportunidade de compartilhar...

*com os amigos que no exercício da arte do encontro me fizeram. Conversas pelos corredores da Universidade, embates políticos em bares, reuniões e encontros estudantis, no compartilhar de amores e sabores, em que aprendi a apreciar a beleza do saber.*

*com o David que com toda compreensão e todo carinho me acolheu, me deu força e energia nos momentos de dor e medo da gestação desse filho, monográfico...*

*com os meus Pais que foram os maiores responsáveis pela opção de um caminho universitário, não pelo título que se obtém como resultado, mas pelas relações que se estabelece no processo. Na convivência direta com a arte me ensinaram a ousar, a experimentar o novo, a viajar...*

*com alguns professores que ultrapassaram a dureza da instituição, que ainda entendem que o brilho está no vivenciar o saber, que ainda respiram e gozam junto com os educandos o eterno prazer de aprender, conscientes do inacabamento humano.*

*com a coordenação do Observatório de Favelas que sempre esteve de portas e braços abertos.*

## INDICE

I. Introdução	3
II. Favelas	6
1. Olhares sobre Espaços Populares	6
2. Políticas Públicas	9
III. Movimentos Populares	14
IV. Jovens na Cidade do Rio de Janeiro	22
V. Observatório de Favelas	27
1. Programa Rede de Jovens Pesquisadores	29
2. Sobre o Processo de Seleção	32
3. A Formação dos Pesquisadores Sociais	37
4. Sobre as Redes Sociopedagógicas	42
5. Sobre a Prática de Pesquisa	45
V. Conclusão	49
VII. Bibliografia	52
VIII. Anexos	55

## I. Introdução

Os projetos sociais representam hoje uma parcela considerável dos esforços reunidos na luta contra as desigualdades sociais do país. As favelas, parte integrante do Estado do Rio de Janeiro, são alvo de intervenções sociais comprometidas com diferentes posturas políticas.

Os olhares e compreensões sobre esses espaços têm sido campo de disputas teóricas. Políticas públicas, que, durante tanto tempo, serviram às categorias dominantes, contribuíram para distanciamentos e violências simbólicas e concretas. As reflexões sobre espaços populares apresentam posições, muitas vezes, contraditórias, mas têm em comum uma crítica sobre o sistema de dominação local e sobre as políticas globais.

O estudo de caso apresentado neste documento discute sobre o projeto, *Rede de Jovens Pesquisadores e Referências Sociais nos Espaços Populares do Rio de Janeiro*, desenvolvido pelo Observatório de Favelas do Rio de Janeiro, Organização da Sociedade Civil de Interesse Público - OSCIP que, trabalhando em parceria com instituições públicas e privadas, desenvolve pesquisas e ações solidárias em favelas da região metropolitana do Rio de Janeiro.

O projeto citado reuniu um grupo de 25 universitários moradores de cinco comunidades populares do Rio de Janeiro que receberam durante dois anos uma bolsa de iniciação científica. O processo interdisciplinar de formação dos pesquisadores sociais foi paralelo ao desenvolvimento de outras atividades como a pesquisa e a montagem de núcleos locais.

O Observatório de Favelas investiu durante dois anos na “criação dessa rede de produção de conhecimentos e proposição de políticas, na qual os jovens

locais se formam e se afirmam enquanto atores relevantes nos espaços favelados”<sup>1</sup>. O Observatório atua em parceria com entidades e movimentos sociais comprometidos com um novo arranjo social, ou seja, com a promoção da cidadania ampla .

A proposta de formação de uma rede de pesquisadores está comprometida com a construção do pensamento *transitivo-crítico* com os jovens inseridos. Segundo Paulo Freire, esse pensamento “não nasce nem se desenvolve a não ser dentro de certas condições em que o homem seja lançado ao debate ao exame de seus problemas e dos problemas comuns. Em que o homem participe.”<sup>2</sup>.

O respeito à cidadania, uma das bases fundamentais para a construção crítica do conhecimento e da autonomia política, de acordo com os princípios pedagógicos do mais conhecido educador popular do Brasil, é também preocupação do Observatório de Favelas. Os princípios pedagógicos referidos comprometem-se com a formação *crítico-cidadã* dos estudantes, uma educação implicada na construção de uma sociabilidade democrática. O que são apresentados como preocupações do projeto desenvolvido pelo OF.

A participação paralela ao processo de formação da *Rede* e o contato direto com a dinâmica do projeto foram os motores para o desenvolvimento deste trabalho. A as atividades de iniciação científica atuação no projeto de pesquisa *Educação e Trabalho em Favelas Cariocas*, coordenado pelo Dr. Diógenes Pinheiro, possibilitou o contato e acesso ao Observatório de Favelas. O contato, com discussões sobre o tema favela e com pesquisadores envolvidos em

---

<sup>1</sup> SOUZA e SILVA & BARBOSA, 2002

<sup>2</sup> FREIRE, 1976.

projetos de educação popular desenvolvidos nos *espaços populares*<sup>3</sup> contribuiu no processo de construção do conhecimento.

Nesse sentido, vale a pena investigar como foi o processo de estruturação da *rede*. Refletir sobre os desafios dessa trajetória dos limites encontrados parece um bom exercício crítico e teórico.

O presente estudo será a articulação de conhecimentos concernentes aos temas favelas, educação popular e movimentos sociais. A análise de dados primários sobre os projetos acompanhada de estudos de Paulo Freire, entre outros pensadores, será feita no sentido de compreender os pressupostos pedagógicos propostos, seus limites e suas contribuições.

O levantamento de fontes primárias, documentos, relatórios, enfim, material necessário sobre o projeto, contou com a colaboração de coordenadores do Observatório de Favelas.

---

<sup>3</sup> Os termos, *espaços populares*, *comunidades*, *espaços favelados*, são termos utilizados por autores que estudam sobre Favelas utilizados no sentido de desmarginalizar a compreensão vulgarizada que permeia o imaginário coletivo sobre as Favelas.

## II. Favelas

### II. 1. Olhares sobre os Espaços Populares

“Houve um tempo em que a cidade não precisava pensar sobre a favela.”<sup>4</sup>. A frase que inicia o texto de Diógenes Pinheiro sobre *a arte do encontro*, expressa objetivamente o esquecimento legado aos espaços populares na história da cidade do Rio de Janeiro. A indiferença, a idéia da invisibilidade social, apresentada pelo autor também está expressa nos versos de Ferreira Gullar:

*Gente que anda de carro,/ vive em boate cinema/ que nunca pisou  
no barro,/ que não conhece problema,/ que pensa que o Rio é  
mesmo/ Copacabana e Ipanema./ Que pensa ou finge pensar./  
Porque se chega à janela,/ se dá um giro, vê logo/ o casario da  
favela,/ a marca mais evidente/ desta sociedade ingrata,/ que a terça  
parte do Rio/ mora em barracos de lata.*<sup>5</sup>

O poema que se remete a um tempo passado, mas de forma alguma remoto, retrata as favelas como espaços separados da dinâmica social vivenciada nos bairros tradicionais da região metropolitana do Rio de Janeiro. Descreve com precisão a diferença socioeconômica que os separa. Os espaços favelados e os espaços formais estão circunscritos, muitas vezes, numa mesma territorialidade, até mesmo se confundem, no entanto o olhar que se tem sobre esses está longe de ser equivalente.

Os dois espaços possuem características diversas e contraditórias, mas compõem igualmente a dinâmica social da cidade do Rio de Janeiro. As cidades são espaços marcados pela contradição e precisam ser entendidas de tal forma. A visão de pureza que constituiu e ainda constitui o imaginário dominante foi

---

<sup>4</sup> PINHEIRO, 2004

<sup>5</sup> GULLAR, 2002.

acompanhada, quando colocada em prática, de custos graves para a população, por exemplo, a segregação espacial.

A distância experimentada pelas comunidades populares é recorrente na história da cidade do Rio de Janeiro. Os projetos de modernização da capital federal no governo de Rodrigues Alves (1902 - 1906), realizados com o apoio do prefeito Pereira Passos propunham a transformação da cidade em um centro remodelado e saneado. As mudanças, alargamento e construção de ruas e avenidas, melhoria do abastecimento de água, construção de um cais, entre outras, foram acompanhadas de sacrifícios das camadas populares, desalojadas e empurradas para a periferia.

A proposta efetivada no início do século passado representa um distanciamento concreto vivenciado ainda hoje pelas classes populares, “resultado do sentimento de repulsa e negação que as favelas historicamente impuseram à cidade, que, conforme crescia e se desenvolvia, se queria cada vez mais européia e menos mestiça”<sup>6</sup>. As remoções estão estampadas na história de 9 das 16 comunidades que compõem o complexo da Maré. Conjuntos habitacionais foram criados, entre 1962 e 1973, para alojarem moradores de comunidades anteriormente situadas em áreas centrais da cidade, no encaminhamento da política Remocionista.

A distância física foi acompanhada da indiferença, invisibilidade social, que marca as relações entre os moradores dos espaços formais e moradores dos espaços populares como está evidenciada nos trechos acima transcritos. Jurandir Freire Costa, em seus estudos sobre “A ética democrática e seus inimigos”<sup>7</sup>, afirma que “o alheamento consiste numa atitude de distanciamento.

---

<sup>6</sup> PINHEIRO, 2004.

<sup>7</sup> COSTA, 1997.

na qual a hostilidade ou o vivido persecutório são substituídos pela *desqualificação do sujeito como ser moral*.<sup>8</sup> Nesse sentido os moradores de espaços populares experimentam no cotidiano da cidade uma violência simbólica, vivem relações permeadas de preconceitos.

O outro, morador de espaços favelado, não é respeitado como agente autônomo, não é visto como parceiro na tomada de decisões, o outro não tem valor humano. Os moradores de favelas do Rio de Janeiro são desqualificados e ignorados na dinâmica de uma cidade repleta de desigualdades. A sua “única qualidade relevante é a de ser suporte dos objetos ou predicados desejados, e o que quer que lhe aconteça é igualmente irrelevante para quem deseja apenas apropriar-se daquilo que cobiça”<sup>9</sup>

As elites e classes médias do país interessadas em modelos internacionais de organização social, imbuídas da europeização desconheciam os moradores de espaços populares como igual. Entretanto, se usufruía a mão-de-obra barata que os *favelados* ainda são, para realização de trabalhos, geralmente, de pouco ou nenhum prestígio social.

*Da porta de seu barraco,/ de zinco e madeira velha,/ olhava o mundo dos ricos/ com suas casas de telha./ Os blocos de apartamento/ quase tocando no céu/ dos quais nem em pensamento/ um deles seria seu.*<sup>10</sup>

Aparecida, protagonista do romance de cordel de Ferreira Gullar, era moradora da extinta favela Praia do Pinto, que se localizava no Leblon, participava na história intensamente da dinâmica social da cidade. A ficção imitando a vida apresenta a realidade de um dos muitos moradores de espaços populares. O pobre, com seu trabalho e o suor, mantêm em marcha os espaços

---

<sup>8</sup> idem, ...

<sup>9</sup> idem, ...

formais da cidade. Está inteiramente inserido no seu cotidiano, porém, é, em geral, considerado *excluído* pelos detentores do poder.

A comunidade citada foi extinta como muitas outras não só por conta das políticas reacionárias mas, também, por interesses financeiros, a especulação imobiliária. A remoção representou durante muito tempo a única intervenção do poder público com relação as favelas.

## II. 2. As Políticas Públicas em Favelas

“O desconhecimento, em geral, das práticas sociais cotidianas desenvolvidas pelos moradores que constituem os espaços populares não impede, entretanto, a construção de uma série de juízos a seu respeito”<sup>11</sup>. A frase citada explicita que os parâmetros utilizados para a definição e relação com as comunidades populares estão centrados em referências alheias aos seus moradores.

A *indiferença* e o distanciamento legados aos moradores de espaços favelados baseiam-se em um discurso, definido por Jailson de Souza e Silva, como *discurso da ausência*, segundo ele:

*A favela é definida pelo que ela não é ou pelo que ela não tem. Nesse caso, é apreendida como um espaço destituído de infraestrutura urbana – água, luz, esgoto, coleta de lixo, sem*

---

<sup>10</sup> GULLAR, 2000

<sup>11</sup> SOUZA e SILVA, 2002

*arruamento, globalmente miserável, sem ordem, sem lei, sem regras, sem moral, enfim, expressão do caos.*<sup>12</sup>

O autor cita em seus estudos formulações oficiais sobre favela, definições do Censo de 1950, de 2000 e do Plano Diretor Decenal da Cidade do Rio de Janeiro de 1993, as quais, apresentam as favelas a partir das suas faltas e tendem a *homogeneização* desses espaços. Entretanto as comunidades possuem particularidades. Cada uma é constituída, de paisagem, intervenção do poder público, níveis de violência, tamanho populacional, entre outras características, pela diversidade.

Esses são discursos que compõe o imaginário social e que representa somente os interesses elitistas. O pensamento de que esses lugares, o câncer da sociedade, representam algo de ruim e repugnável. E não há assim diferença entre eles. A *homogeneização* acompanhada do *discurso da ausência*, segundo Souza e Silva, são, então, expressões de um pensamento *sociocêntrico*.

*O sociocentrismo se materializa quando, a partir dos padrões de vida, valores e crenças de um determinado grupo social, se estabelece um conjunto de comparações com outros grupos, colocados, em geral, em condições de inferioridade.*<sup>13</sup>

O ideal de cidade vivido por uma pequena parcela da população fluminense é contraditório à paisagem que caracteriza as favelas, como discute Souza e Silva. Nesse sentido, os espaços populares não compartilham do padrão de ordem considerado ideal à cidade e à modernização. Daí a se considerar o morador dessas comunidades como *excluídos*, no limite incapazes, de participação e de decisão política.

Então, o “reconhecimento da cidadania é relativizado, de acordo com a cor

---

<sup>12</sup> idem...

<sup>13</sup> idem...

da pele, o nível de escolaridade, a faixa salarial e/ou o espaço de moradia dos residentes na cidade”, como afirma Souza e Silva. Ao contrário do que está assegurado na constituição brasileira, os direitos e os deveres sociais não são compartilhados pelo simples fato do indivíduo ter nascido no Estado-nação. O conceito cidadania está relacionado a variáveis outras, que impossibilitam o exercício dessa pelos que não compartilham de critérios definidos por grupos dominantes.

*È que, para eles, pessoa humana são apenas eles. Os outros, estes são “coisas”. Para eles, há um só direito – o seu direito de viverem em paz, ante o direito de sobreviverem, que talvez nem sequer reconheçam, mas somente admitam aos oprimidos. E isto ainda, porque, afinal, é preciso que os oprimidos existam, para que eles existam e sejam “generosos”.<sup>14</sup>*

O governo que, há tanto tempo, tem sido dirigido pelas elites, representa interesses alheios as classes populares do país. Os lemas de liberdade, fraternidade e igualdade só foram verdadeiros para os que podem comprá-los.

Duas posturas políticas correntes com relação a ações em espaços populares são fundamentadas pelo pensamento *sociocêntrico*. A primeira, compreende os moradores de favelas como *potencialmente criminosos*. Olhar corrente nos meios de comunicação de massa, o que justifica o investimento em ações desenvolvidas em comunidades no sentido de salvar crianças e jovens, em geral, do envolvimento com o crime. Esse olhar *conservador* se afirma apesar de serem tão poucas as pessoas envolvidas em atos criminosos no Rio de Janeiro tendo em vista os níveis de desigualdades sociais.

A segunda, expressa a caracterização *progressista*, na qual, o morador é considerado um pobre coitado, vítima passiva, num mundo cruel. A partir das

---

<sup>14</sup> FREIRE, 1987

reflexões de Souza e Silva, o caminho da ilegalidade, nesse sentido, é aceito como estratégia encontrada pelos moradores de espaços populares na sobrevivência a sociedade injusta. Ambas posturas se justificam, se sustentam, não contribuindo para a superação da condição de menor idade experimentada pelas camadas populares na luta pelos seus direitos e no exercício de seus deveres sociais.

*O grande perigo do assistencialismo está na violência do seu antidiálogo, que, impondo ao homem mutismo e passividade, não lhe oferece condições especiais para o desenvolvimento e a "abertura" de sua consciência que, nas democracias autênticas, há de ser cada vez mais crítica.*<sup>15</sup>

O assistencialismo discutido por Paulo Freire, em *Educação como Prática da Liberdade*, relaciona-se as posturas que Souza e Silva caracteriza em seus estudos. As políticas que as assumem tendem a desenvolver ações assistencialistas e pontuais nos espaços sem o reconhecimento das práticas sociais que os compõem e os caracterizam.

A *consciência crítica*, defendida por Freire, é, assim, mero discurso. Palavras sem consistência. Por conseqüência as intervenções que seguem esse caminho contribuem para uma visão de cidade fragmentada.

As carências caracterizam as favelas. Apresentam uma realidade injusta vivenciada por muitos moradores da cidade do Rio de Janeiro e ocultam, imediatamente, a realidade na qual ela é constituída. A relação de desigualdade e violência nasce na dinâmica da própria cidade.

As favelas estão na cidade e com a cidade, parodiando Paulo Freire. Estão circunscritas num mesmo espaço urbano e o constituem. Ignorar esse fato

---

<sup>15</sup> FREIRE, 1976

significa reforçar as condições de violência, as quais, os moradores estiveram, e continuam, expostos, o alheamento do outro – no caso, das favelas.

Dessa forma, as políticas públicas de maior impacto nos espaços populares têm promovido transformações nas condições estruturais e paisagísticas. Por exemplo, o projeto Favela Bairro (calçamento de ruas, construção de praças etc.), em muitos locais, a regularização da distribuição de água tratada, da distribuição de energia elétrica, entre outras. Projeto, oficialmente, assumido a partir de 1993, como resultado do Plano Diretor Decenal da Cidade do Rio de Janeiro. Porém sem, no entanto, tratar das questões fundamentais, as questões de base como aumento da renda familiar, melhoria do acesso as instituições públicas de ensino e saúde.

### III. Movimentos Populares

Segundo os estudos apresentados por Fernando Lanes<sup>16</sup>: “A partir da década de 50 a ordem que orientava as ações do estado e de entidades assistenciais seria a de considerar os favelados como moradores da cidade”. Apesar da afirmação estar acompanhada de certa precaução sobre o histórico das favelas, já que os documentos estudados pelo autor seriam contraditórios, o período descrito, em tese, seria um momento propício a manifestações de cunho mais democrático. Essa afirmação vai de encontro ao relato histórico e geográfico da comunidade do Chapéu Mangueira<sup>17</sup>:

*Pode-se dizer que o início de uma conscientização coletiva para agir e modificar o espaço que habitavam, foi através da intervenção da enfermeira francesa Renné de Lorne, conhecida pelos moradores por Dona Renné, que voluntariamente subiu os caminhos tortuosos da localidade para transmitir os preceitos comunitários e coletivos. Com seu auxílio foi construído o posto médico e, posteriormente, a associação de moradores, nos anos de 1960.*

As associações de moradores começaram a surgir a partir de 1961, como expressão da organização popular, entretanto, tiveram uma atuação curta, já que, no ano seguinte iniciou-se a política *remocionista*. Política reforçada com o regime militar a partir de 1964. O governo, a partir de então, inibia toda e qualquer manifestação política contrária às propostas ditadas pelos militares que dominavam o poder. Os bolsistas do núcleo do Observatório de Favelas - Chapéu Mangueira e Babilônia descrevem, que

*A posição de coletividade e organização da Associação de Moradores permitiu que a comunidade não fosse removida nas*

---

<sup>16</sup> LANES, mimeo

<sup>17</sup> Chapéu Mangueira: uma breve relato Histórico e Geográfico. mimeo

*décadas de 1970 e 1980, ameaçada por um projeto militar que pretendia desocupar toda a área.*

A política de remoção representava as preferências de grupos dominantes da sociedade, que se fortalecia durante o regime militar, e, que, naquele momento, não admitia contestação. A especulação imobiliária foi o setor mais privilegiado nessa conjuntura, pois as novas áreas livres foram renovadas e ocupadas pelos “aristocratas” do Rio de Janeiro. Entre 1962 e 1974, um total de, 132.533 habitantes foram removidos de 80 favelas, muitas delas, localizadas na Zona Sul, o que incrementou a expansão imobiliária na fase do *milagre econômico*.

Até então, as favelas eram consideradas como o câncer da cidade, que deveria ser estirpado. Após essa fase de desarticulação, praticamente total, das ações comunitárias, foi criado, em 1979, o “Projeto Rio”, comprometido com a melhoria estrutural das favelas e preocupado com a higienização dos locais. Essa foi uma das primeiras propostas do governo direcionada às favelas que não falava em remoções, o que seria o primeiro passo para se dar origem ao Programa Favela-Bairro, intervenção mais significativa do setor público nas favelas, durante os anos 1990, como apresenta Lanes<sup>18</sup>.

Vários fatores contribuíram para uma modificação das ações públicas direcionadas às comunidades populares a partir dos anos 70, por exemplo, a *percepção do potencial eleitoral*. A preocupação de grupos internacionais e nacionais com o *crescimento das periferias no Brasil e com o crescimento exorbitante da população, que crescera 317% nas favelas em comparação a população não favelada que teria crescido apenas 44% em 14 anos* (apud. LANES), indicavam a urgência de intervenções. As ações públicas e

---

<sup>18</sup> idem...

comunitárias foram inseridas em um panorama no qual a questão *favela* estava sendo mais discutida e pensada. A luta pela superação da, *exclusão social* envolvia vários setores da sociedade.

O movimento social foi assumido pelos *revolucionários conservadores*<sup>19</sup>, como caracteriza Bourdieu, neste panorama as posturas políticas *conservadoras* e *progressistas* atuaram, em geral, na produção de discursos. O *sociocentrismo* evidenciado, no que Souza e Silva<sup>20</sup> denomina como *paradigma da ausência*, contribui para o fortalecimento de políticas assistencialistas. Termos como *exclusão social*, *comunidades carentes*, *resgate da cidadania*, compõem esses discursos e dão o tom das intervenções desenvolvidas em espaços populares.

Ações desenvolvidas pela Sociedade Civil e pelo poder público trabalham, em geral, pela salvação dos *carentes*, dos *excluídos*, dos *pobres coitados*, moradores das favelas. Esses jargões divulgados cotidianamente nos meios de comunicação de massa justificam e sustentam programas que desconhecem e desrespeitam os moradores de espaços populares. Eles perdem o direito de falar, de participar, de decidir. Perdem por terminarem se acreditando realmente desqualificados socialmente para participação, *sem cultura*.

O processo de consolidação dessas ações desenvolvidas em espaços populares teve como pano de fundo a preocupação constante com a expansão das ações do tráfico de drogas. As classes médias e altas preocupadas com o seu bem estar e segurança terminaram por incrementar as intervenções policiais. As comunidades eram, ainda são, vistas como uma questão policial:

*Esta postura tem justificado historicamente a externalidade das*

---

<sup>19</sup> Ver Bourdieu. 1998.

<sup>20</sup> SOUZA e SILVA, 2002.

*intervenções do Estado e de agentes da Sociedade Civil, como ONG's, propondo projetos que, muitas vezes, assumem um caráter tópico, assistemático e descontínuo, sendo, portanto, ineficientes para o combate massivo da desigualdade social.*<sup>21</sup>

As políticas públicas têm caminhado com bastante dificuldade no que diz respeito ao aspecto segurança em comunidades populares, ou melhor, na cidade do Rio de Janeiro. Com relação às favelas as ações foram, durante muito tempo, agressivas e repressoras, justificadas pelo *distanciamento e desqualificação social* legados aos espaços em questão. Movimentos sociais assumiam, em contrapartida, posturas políticas *conservadoras* ou *progressistas* contribuindo, em muitos casos, para tal *distanciamento*.

Muitas intervenções públicas e privadas deflagradas em espaços populares estão comprometidas com documentos internacionais, com metas definidas pelo FMI, ou por outros órgãos interessados no desenvolvimento econômico do país. Daí muitas políticas implementadas estarem mais preocupadas em responder a exigências internacionais do que cuidar realmente dos problemas decorrentes da enorme desigualdade econômica do país.

*Pois saibam enquanto é tempo, Senhores de Davos, saibam que se morre à mingua neste mundo globalizado que globaliza o lucro e não a felicidade, a dor e não o prazer; morre-se às centenas de milhares, no momento mesmo em que suas excelências deliberam a melhor maneira de oferecer os maiores lucros ao menor número de milionários, neste mundo infectado pelo vírus do Lucro Máximo*<sup>22</sup>

As palavras do teatrólogo, Boal, expressam com clareza a lógica econômica liberal que tem regido as políticas globais. Fala aos *Senhores de Davos* que participam do Fórum Mundial Econômico realizado uma vez ao ano nos Estados Unidos da América, concomitante ao Fórum Social Mundial, onde

---

<sup>21</sup> PINHEIRO, O Observatório Social de Favelas e o desafio da pesquisa em espaços populares. *Mimeo*  
<sup>22</sup> BOAL, 2002.

são definidos planos econômicos, ou melhor, planos políticos mundiais.

A *externalidade*, discutida por Pinheiro, faz menção à proposta que chega, às comunidades, pronta, que *desconhece ou desqualifica o saber vivido dos moradores*. Pois, já que não tem compromisso com os espaços populares e seus moradores, mas sim com parâmetros de desenvolvimento externos, ignoram as práticas e a cultura locais, constituem-se de critérios culturais, em geral, das elites, baseadas no pensamento *sociocêntrico*. As ações desenvolvidas, a partir desse pensamento, têm como referência números abstratos e não realidades concretas, atuam de acordo com exigências que, em geral, desconhecem o humano.

Os neoliberais representantes do paradigma pós-moderno ancoram-se em teorias indiscutíveis, inquestionáveis, e elaboram

*coletivamente, sob a forma de consenso, um discurso fatalista, que consiste em transformar tendências econômicas em destino. Ora, as leis sociais, as leis econômicas etc. só se exercem na medida que se permite que elas ajam*<sup>23</sup>

Esse panorama político, entre as décadas de 80 e 90, envolveu os grupos de esquerda. A descrença nas utopias, a perda de forças dos movimentos sindicais, dos movimentos de luta pela democracia foram “engolidos” pelas políticas de direita que assumiam o poder e que afirmavam necessidades quantitativas para resolução dos problemas sociais e desconsideravam caminhos percorridos pela Sociedade Civil.

Paralelamente, se consolida o que Pinheiro chama, em seus estudos, de o paradigma da Sociedade da Informação. A cidadania passa a ser entendida, também, como a valorização dos bens culturais e como o acesso a informações.

---

<sup>23</sup> BOURDIEU, 1998

Uma conseqüência da política neoliberal. Pensamento que está se fortalecendo e ganhando espaço no panorama mundial com duas vertentes. Por um lado, a globalização vem massacrando as sociedades que não são fortes o suficiente, no quesito economia. A competição dos mercados mundiais atinge o cotidiano das pessoas, que sem acesso as informações necessárias, ao mundo do ter, são atropeladas na luta pelo direito ao trabalho, estão, simplesmente, excluídas dessa dinâmica.

*numa idéia de que os bens de consumo começam a vigorar, temos que ser competitivos, temos que disputar, e essa lógica veio vigorando aí produzindo resultados, pro bem e pro mal.*<sup>24</sup>

trecho do texto de Márcio Libar, “no avesso do mundo – Teatro de Anônimo, por uma nova cena circense”, texto que, na verdade, é uma conversa, e apresenta a trajetória do Teatro de Anônimo. Uma história, na qual,

*num grupo de seis pessoas, cinco trabalham juntas há 15 anos. Já é um dado ao revés, ao contrário do mundo de hoje. Ou seja, somente uma rede de afeto muito bem instaurada pode garantir uma proteção a esse coletivo.*

O outro lado, é que outros movimentos sociais estão se constituindo. O Fórum Social Mundial – FSM, por exemplo, é uma instância de discussão e fortalecimento da contra-mão de uma política que se sustenta em teorias infalíveis. A *defesa* dos espaços públicos e a *crença* na instituição política como a possibilidade de democratização dos direitos sociais ainda tem sido base de muitas ações sociais. Nesse espaço consolidado no Rio Grande do Sul dedica-se uma semana para socialização, discussão e elaboração de políticas e propostas mais democráticas de convivência. Fala-se em democracia e experimenta-se essa proposta com os mais variados movimentos sociais e instituições mundiais, que se reúnem na luta por um outro mundo possível.

“Os movimentos sociais estão com um atraso de várias revoluções simbólicas em relação a seus adversários, que utilizam assessores de comunicação, assessores de televisão etc.”<sup>25</sup>. Reunir forças para trabalhar na contra-mão tem sido um grande desafio para algumas intervenções sociais. Projetos têm construído caminhos novos para superarem seus déficits teóricos, para se munirem e se defenderem da política dominante.

Nas comunidades populares existe hoje uma luta entre grupos distintos por espaço físico necessário ao desenvolvimento de programas sociais, vive-se um momento de fragmentação e rivalidade. Posturas *conservadoras*, *progressistas* e, o que se está nomeando aqui, como, a *contramão*, têm disputado espaço e meios de atuação em comunidades.

Nesse sentido, o Movimento dos Pré-vestibulares comunitários, assumido por jovens, moradores de espaços desprivilegiados economicamente (periferias, bairros pobres e espaços populares), aponta a necessidade de se construir caminhos realmente comprometidos com um novo arranjo social. Esse movimento, que está cada vez mais forte tem discutido criticamente o direito a educação superior, tem colaborado para discussão de outros temas importantes, como a questão racial, o acesso ao ensino de qualidade etc.

Essas são pistas de que as soluções e possibilidades da cidade do Rio de Janeiro precisam ser pensadas globalmente e de forma integrada. O projeto tratado no presente trabalho caminha nessa direção, ou seja, na contra-mão, onde, os moradores de espaços populares são respeitados, são sujeitos políticos. O seu protagonismo é levado em conta, tem poder de decisão. Discute-se e constrói-se coletivamente os caminhos necessários a serem seguidos em direção

---

<sup>24</sup> LIBAR, 2002

<sup>25</sup> BOURDIEU, 1998

a ampliação dos direitos e dos deveres sociais, a partir, da valorização das manifestações culturais e das práticas de socialização locais.

#### IV. Jovens na cidade do Rio de Janeiro

*Como toda representação, a juventude é uma construção histórica e cultural e, portanto, varia enormemente ao longo do tempo e da sociedade à qual está circunscrita.*<sup>26</sup> O projeto *Rede de Jovens Pesquisadores Moradores de Espaços Populares* trabalha com a formação de jovem do Rio de Janeiro, neste sentido, é fundamental entender quem são eles, quais são as representações que os caracterizam atualmente.

A região metropolitana do Rio de Janeiro tem uma população jovem – entre 15 e 24 anos - da ordem de 1,8 milhões. Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio – PNAD-1999, essa categoria social é marcada pela diversidade: 684 mil (38%) não completaram o ensino fundamental. Por outro lado, 216 mil (12%) têm 12 anos ou mais de estudo; quer dizer, conseguiram ingressar na universidade. No que concerne ao mercado de trabalho, 718 mil (40,1%) estão trabalhando, enquanto 226 mil (12,6%) estão desempregados. Caso queiramos valorizar mais a diversidade, podemos considerar alguns dados educacionais e de trabalho levantados em 52 favelas<sup>27</sup>: nessas comunidades, 62% dos jovens não completaram o ensino fundamental; apenas 1% têm 12 anos ou mais de estudo; 51% estão trabalhando ou procurando emprego e a taxa de desemprego é de 18,6%.

O projeto citado comprometeu-se com a formação de pesquisadores, universitários moradores de espaços populares. Quem são eles? Os dados acima apresentam que apenas 1% da população de espaços populares ingressam nas universidades. Estudos afirmam que é 40 vezes mais fácil se ter um analfabeto do que um universitário nas famílias dos moradores de espaços favelados do

<sup>26</sup> Relatório sobre a Juventude 2004.

<sup>27</sup> Pesquisa sócio-econômica em comunidades de baixa renda – 1999 – SCIENCE/SMTb/Rio de Janeiro

Rio de Janeiro.

As estratégias familiares de investimento na educação variam entre as categorias populares como foi estudado por Souza e Silva, no livro, “*Porque uns e não outros?*” – *Caminhada de jovens pobres para a universidade*. Segundo o autor,

*A compreensão da permanência escolar decorre da dinâmica estabelecida entre as características singulares do agente e as redes sociais nas quais ele se insere. Relação que se dá em um quadro histórico e social, produzido e produtor, de variadas formas, das instituições sociais e dos diversos agentes. Logo, tem mais significado para a permanência escolar, dentre outras coisas, a posição ocupada pelo agente nos campos escolar e familiar.*<sup>28</sup>

Os dados permitem a compreensão de que a entrada em universidade para jovens moradores de espaços populares não é algo habitual nos seus projetos de futuro. Em contrapartida o trecho de Souza e Silva contribui para que se pense em variáveis que possivelmente contribuem ou não para o investimento na educação. Investimento em um projeto individual de longo prazo.

A discussão travada pelo autor relativiza as variáveis, até então, associadas ao *fracasso escolar*, em geral, centradas em críticas, como, a responsabilização da família, do desempenho do aluno, do professor ou da escola. Souza e Silva apresenta discussões que passam, antes de mais nada, pela compreensão dos sujeitos sociais em relação com seus meios. Sendo, assim, a análise da relação que este estabelece com a dinâmica escolar, o que vai chamar de, *inteligência institucional*, que diz respeito, a sensibilidade para o jogo nos campos institucionais, ou seja, a compreensão por parte do aluno das *regras do jogo* no campo escolar e a maneira de jogar com elas. E, por outro lado, considera a

---

<sup>28</sup> SOUZA e SILVA, 2003.

classificação familiar entre os filhos, forjada no processo inicial de relação da família. Nessa dinâmica existem os filhos / irmãos *capazes* e os que *não gostavam/ não conseguiram aprender*.

*O aspecto central, no caso, é o reconhecimento de que a escola não é um valor em si, que seria percebida da mesma forma por todos os agentes sociais. Ela pode ter menor importância, em algumas situações, do que outras aspirações colocadas para os jovens.*<sup>29</sup>

O autor vai apresentando *necessidades* externas ao espaço escolar na dinâmica de famílias de espaços populares. Conclusão contraditória às teorias *conservadoras* e *progressistas*, nas quais, se considera a permanência escolar uma *necessidade* fundamental de todo e qualquer cidadão.

O espaço escolar é marcado por práticas sociais definidas pelas classes médias e altas, privilegia-se conhecimentos e metodologias, muitas vezes, desinteressantes e, até mesmo, agressivas aos moradores de espaços populares. Esse currículo gera, de certa forma, um sentimento de *incompatibilidade cultural*. O que leva os alunos a *considerar a vida no espaço popular como um limite para o exercício de práticas adequadas* aos valores vinculados pelo sistema educacional.

A *incompatibilidade cultural* pode produzir por um lado um sentimento de não reconhecimento ou não valorização da própria cultura e por outro lado a sensação de incapacidade com relação ao espaço escolar, com relação a aprendizagem.

Nesse sentido, é fundamental *estimular a formação de redes sociais que permitam aos jovens a construção de novas referências culturais e educacionais, que sem abrir mão das práticas sociais dos espaços culturais,*

---

<sup>29</sup> idem...

*busquem novas formas de ali construir seu cotidiano.*<sup>30</sup>

Projetos como os *pré-vestibulares comunitários*, movimento popular em crescimento constante, tem contribuído para a continuidade da vida escolar pelas pessoas jovens e adultas. Os participantes desse movimento discutem e repensam estratégias de entrada e permanência em Universidades. Os Pré's Comunitários vem se consolidado nas periferias, bairros pobres e favelas do Rio de Janeiro e de outras cidades do Brasil e apresentam uma nova forma de intervenção social. Colaboram para a valorização daqueles moradores que antes se acreditavam incapazes.

O Observatório de Favelas do Rio de Janeiro investiu na formação de jovens na compreensão de estes serem articuladores potenciais de suas comunidade? *O que está subjacente à emergência de um jovem inserido em redes sociais variadas é a expansão do seu acesso a novas linguagens, capazes de ampliar seus horizontes temporais e espaciais*<sup>31</sup>

Movimentos sociais que atuam de forma global, o que seria, em síntese, trabalhar na construção de redes de solidariedade com base na tolerância e aceitação da diversidade (econômica, social, racial, sexual etc.), como defende Pinheiro. Ampliam-se, desta forma, as referências dos *tempos e espaços existenciais* dos moradores de comunidades populares e cooperam na desconstrução do que Souza e Silva caracteriza como *presentificação e particularização*,

*A presentificação pode ser definida como uma prática social dominada pela cotidianidade, que se manifesta como um eterno agora. O estreitamento das referências temporais inibe a possibilidade de trabalhar a utopia como elemento integrante da*

---

<sup>30</sup> idem...

<sup>31</sup> Relatório sobre à Juventude 2004.

*realidade, em sua possibilidade. Seja a utopia pessoal ou a coletiva. Esse processo, evidentemente, não caracteriza apenas os setores populares. No caso desses, no entanto, a presentificação contribui para a construção de estratégias centradas no imediato. A prática dificulta, por exemplo, um investimento de longa duração na escolarização e, no caso dos inseridos ou próximos de determinadas redes sociais, facilita o envolvimento em ações criminosas.*<sup>32</sup>

Exemplos, como os citados acima, Movimento dos Pré-vestibulares Comunitários e a *Rede de Jovens Pesquisadores Moradores de Espaços Populares* – programa do Observatório de Favelas, têm contribuído para a compreensão de que,

*O homem existe – existere – no tempo. Está dentro. Está fora. Herda. Incorpora. Modifica. Porque não está preso a um tempo reduzido a um hoje permanente que o esmaga, emerge dele. Banha-se nele. Temporaliza-se.*<sup>33</sup>

As palavras de Paulo Freire expressam a importância de libertar-se desse tempo discutido por Souza e Silva para se exercer a *posição normal do homem no mundo, visto como não está apenas nele mas com ele, não se esgota em mera passividade.*<sup>34</sup>

---

<sup>32</sup> SOUZA e SILVA, Jailson. *Um espaço em busca do seu lugar: As favelas para além dos esteriótipos.*

<sup>33</sup> FREIRE, 1987

<sup>34</sup> idem...

## V. Observatório de Favelas

O Observatório de Favelas é uma OSCIP - Organização da Sociedade Civil de Interesse Público, situada na Maré, um dos maiores *complexos de favelas*<sup>35</sup> do Rio de Janeiro composto por 16 *comunidades*. Essa organização surgiu como um desdobramento de trabalhos desenvolvidos pelo CEASM - Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré, também OSCIP. O CEASM foi construído, em 1998, por moradores e ex-moradores das comunidades, a partir da realização de um curso de Pré-vestibular comunitário.

A idéia de formação do Observatório de Favelas nasceu como uma possibilidade de desenvolver pesquisa sobre favelas, o que já vinha sendo feito, como desdobramento do Censo Maré – 2000, análise de dados levantados pelo CEASM. Projeto que deflagrou muitas pesquisas e discussões em torno da comunidade. Em 2001 foram envolvidos professores universitários e acadêmicos na análise dos dados e no estudo de indicadores sociais sobre as 16 comunidades que compõem a Maré.

O Observatório de Favelas do Rio de Janeiro é uma organização que se propõe desenvolver Pesquisas e Ações Solidárias em Espaços Populares. Sua coordenação é composta em parte por pesquisadores provenientes de espaços populares, doutores, doutorando e mestrandas. A equipe de coordenadores do Observatório representa, o que Bourdieu chamaria, *dispositivo de pesquisa*, por contar com a participação de pesquisadores, estudantes e professores universitários. Articula diversos setores da Sociedade Civil (pesquisadores, militantes e outros) para se

*inventar um modo de inventar as respostas, de inventar uma nova*

---

<sup>35</sup> Diz-se *complexo de favelas* para referir-se a grupos de *comunidades* circunscritas no mesmo território.

*forma de organização do trabalho de contestação e de organização da contestação, do trabalho militante*<sup>36</sup>

A equipe de pesquisadores tem produzido estudos e indicadores sociais sobre espaços populares e, em paralelo, tem promovido reflexões sobre as políticas públicas nesses espaços. As pesquisas e os programas propostos pelo Observatório de Favelas são desenvolvidos em parceria com outras instituições, Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade - IETS, Fundação FORD, Universidades etc.

A proposta do presente trabalho é analisar como se deu a atuação do Observatório com relação a vertente *técnica-pedagógica*, definida em relação a alguns dos objetivos com os quais trabalha. Compromete-se com o investimento

*na formação metodológica e política dos jovens estudantes das favelas, no intuito de formar pesquisadores identificados com seu território de origem. Entre outras atividades, eles realizam pesquisas e produzem dados primários nos campos sócio-econômico, educacional e cultural. Informações utilizadas como instrumentos para reforçar a luta dos moradores e organizações comunitárias por políticas públicas adequadas aos seus interesses. Ao aliarem suas experiências cotidianas ao material teórico e metodológico oferecido pela universidade, os jovens se tornam capazes de elaborar análises e conceitos sobre a cidade a partir de suas perspectivas. Nesse processo, tornam-se lideranças potenciais de suas comunidades e espaços afins.*<sup>37</sup>

A proposta desta organização compromete-se com uma crítica às posturas políticas *conservadoras* e *progressistas* construindo, assim, novas interpretações e formas de intervenção nos espaços populares atua de acordo com o que foi definido anteriormente como a *contramão*.

---

<sup>36</sup> BOURDIEU, 1998

<sup>37</sup> Fonte: relatório FORD 2004

## V. 1. Programa Rede de Jovens Pesquisadores

O projeto *Rede de Jovens Pesquisadores Moradores de Espaços Populares* foi a atividade que deflagrou a atuação do Observatório de Favelas. O Observatório de Favelas iniciou suas atividades em parceria com outras instituições de pesquisa, como IETS – Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade, instituição que participou e contribuiu para a fundação do projeto, Observatório Social de Favelas, que veio a dar origem a instituição Observatório de Favelas - OF.

Após 2 anos de experiência, algumas análises sobre o desenvolvimento do trabalho merecem atenção, no sentido de analisar os seus limites e as suas contribuições. É importante discutir, por exemplo, a não consolidação de redes locais, a opção pelo processo seletivo de universitários, entre outras, para que se entenda, em que medida, os pressupostos pedagógicos defendidos na proposta inicial do projeto foram concretizados na práxis do processo. Compreendendo que todo programa possui desafios, refletir sobre a proposta do Observatório de Favelas será, em síntese exercer a *capacidade de agir com a teoria*, prática discutida por Bourdieu<sup>38</sup>.

A discussão feita pelo sociólogo é desenvolvida em torno da crítica sobre a defasagem teórica dos movimentos sociais com relação aos *revolucionários conservadores*. O autor discute a necessidade de os intelectuais, associados ao movimento social, fundamentarem-se teoricamente para que as lutas sociais sejam consolidadas. A preocupação de Bourdieu passa pela necessidade de não só exercer as práticas intelectuais dentro das academias, mas também de divulgá-las em meios culturais e intelectuais, arma imprescindível à luta contra o neoliberalismo.

A proposta de trabalho em *Rede* é um dos instrumentos teórico-metodológicos do Observatório de Favelas. O questionamento de experiências desenvolvidas em espaços populares contribuiu para o planejamento de um trabalho comprometido com a superação de lugares comuns como “*resgate da cidadania, educar para a cidadania*”, como diria Souza e Silva<sup>39</sup>. O Observatório se consolida, então, com programas que atuam com a promoção da intervenção dos sujeitos sociais em seus meios, com a promoção do protagonismo. A prática do Observatório de Favelas está de acordo com a proposta de Bourdieu, formula-se críticas e reflexões sobre os movimentos sociais e políticas públicas, questionando-os, e, por outro lado, divulgando compreensões contrárias as, até então, emitidas pela mídia sobre os espaços populares.

O investimento na *formação metodológica e política dos jovens estudantes das favelas, no intuito de formar pesquisadores identificados com seu território de origem*, o trecho retirado do relatório do OF associa-se às discussões de Paulo Freire. A proposta de aproximação dos universitários com a discussão e com a prática da pesquisa sobre os espaços favelados está em consonância com a reflexão do educador:

*De teoria, na verdade, precisamos nós. De teoria que implica numa inserção na realidade, num contato analítico com o existente, para comprová-lo, para vivê-lo e vivê-lo plenamente, praticamente. Neste sentido é que teorizar é contemplar. Não no sentido distorcido que lhe damos, de oposição à realidade. De abstração. Nossa educação não é teórica porque lhe falta esse gosto da comprovação, da investigação, da pesquisa. Ela é verbosa.*<sup>40</sup>

Os eixos de atuação da Rede de Jovens Pesquisadores eram: *a produção de*

---

<sup>38</sup> BOURDIEU, 1998

<sup>39</sup> SOUZA e SILVA, ano 3, nº 5, março de 2003.

<sup>40</sup> FREIRE, 1976

*pesquisas, a realização de colóquios e seminários sobre favelas, a realização de monitoramento e avaliação de políticas públicas voltadas para espaços populares, assim como o estímulo à articulação dos atores locais em torno de suas demandas fundamentais*<sup>41</sup>.

O envolvimento dos jovens na reflexão e questionamento sobre as políticas públicas implementadas em suas comunidades, bem como o mapeamento das instituições existentes em cada uma delas, enfim, as propostas de pesquisa desenvolvidas pela Rede de Jovens Pesquisadores, foi compreendido como um passo fundamental para a consolidação das redes locais. Segundo Freire poderia considerar-se a construção do pensamento *transitivo-cítico*:

*Transitividade de consciência do comportamento do homem que não nasce nem se desenvolve a não ser dentro de certas condições em que ele seja lançado ao debate, ao exame de seus problemas e dos problemas comuns. Em que o homem participe.*<sup>42</sup>

Na *contramão* dos discursos sustentados pelo *sociocentrismo* o Observatório de Favelas do Rio de Janeiro construiu uma metodologia de trabalho centrada no respeito a participação aos moradores de espaços populares e na ampliação do exercício da cidadania. Cidadania entendida pelo Observatório como vivência plena dos direitos e dos deveres sociais, como convívio com a diversidade cultural do país e, para concluir, como respeito irrestrito as práticas culturais e de sociabilidade locais.

---

<sup>41</sup> Fonte: relatório FORD 2004

<sup>42</sup> FREIRE, 1976

## Sobre o Processo de Seleção

O primeiro passo tomado para se formar os grupos de universitários locais foi o contato com as associações de moradores para divulgação da proposta, o que aconteceu em maio/ junho de 2001. A articulação com as comunidades, associações, é sempre importante como demonstração de respeitabilidade à localidade e aos atores sociais que ali atuam.

A escolha das comunidades foi definida, segundo coordenadores do projeto, pelas localizações bem distantes e em várias áreas do Rio de Janeiro. O objetivo era dar conta da diversidade entre as favelas cariocas, uma crítica ao discurso dominante que tende a *homogeneização* discutida anteriormente.

“A idéia era atingir a diferentes espaços da cidade, Zona Norte, Zona Sul, Zona Oeste, então o critério foi um pouco esse”<sup>43</sup>

A constituição da Rede de Jovens envolveu 10 espaços populares da cidade do Rio de Janeiro, Chapéu Mangueira, Babilônia, Cantagalo, Pavão, Pavãozinho, Maré, Mangueira, Rio das Pedras, Rocinha, Vila Kennedy, e atingiu 25 universitários moradores dessas comunidades. A formação da primeira edição da *Rede de Jovens Pesquisadores*, iniciou-se com um sistema de avaliação formal, composto por redação e entrevistas com os inscritos.

Os critérios para a seleção preferiam aos estudantes que tivessem algum envolvimento com trabalhos sociais

“preferencialmente, estudante que tivessem uma inserção na comunidade, algum tipo de projeto social, ou então que fosse algum tipo de estudante engajado, ... , isso era uma questão básica”<sup>44</sup>

O que nem sempre funcionou objetivamente como critério essencial, já

---

<sup>43</sup> Trecho da conversa com Fernando Lanes, um dos coordenadores do OF

que, em algumas comunidade com a maioria de estudantes de instituições privadas e trabalhadores optou-se por inserir os estudantes que demonstravam interesse pelo desenvolvimento do trabalho, mesmo que não tivessem uma inserção nas atividades sociais de suas comunidades.

De toda forma, a escolha por uma proposta seletiva para a constituição do que viriam a ser os núcleos locais é analisada criticamente pela própria coordenação do Observatório de Favelas:

“Porque no que você seleciona você acaba formando um grupo e você elimina a possibilidade de outros participarem do mesmo processo. Eles se sentem excluídos e ao mesmo tempo desprivilegiados ‘eles ganham bolsa, eu não ganho logo eles têm que fazer as coisas não eu’”<sup>45</sup>

Nesse sentido compreendeu-se após a experiência vivida que a opção por um instrumento meritocrático foi um tanto comprometedor. O questionamento relevante nesse sentido se faz ao objetivo primeiro do processo, selecionar. O que, fica claro na fala registrada acima, exclui, cria uma pequena elite dos merecedores daquelas vagas.

Durante o processo de seleção foram feitas entrevistas com os moradores de cada comunidade, inscritos na seleção. A entrevista e a redação aplicadas aos jovens universitários eram instrumentos qualitativos, apresentavam questões abertas direcionadas para o reconhecimento dos candidatos e da compreensão que eles tinham sobre favela, o seu local de moradia. Entretanto, a estratégia de seleção encaminhada pela coordenação do Observatório de Favelas era contraditória aos princípios que sustentam a proposta de trabalho em rede, que seria a reunião, o encontro, a solidariedade.

---

<sup>44</sup> idem...

<sup>45</sup> idem

Por outro lado é importante entender quais foram os motivos que sustentaram a escolha pelo processo seletivo. O Observatório de Favelas faz uma crítica ao CNPQ, Instituto de Fomento à Pesquisa do Governo Federal, que estabelece como critério para obtenção de bolsas de iniciação científica um limite<sup>x</sup> de idade. Logo, entendeu-se como um instrumento de luta proporcionar a jovens universitários moradores de espaços populares bolsas de pesquisa e um reconhecimento do potencial intelectual deles. Estudantes que, em geral, ingressam nas universidades um pouco mais tarde em relação aos estudantes das classes médias e altas.

*Cabe salientar, a título de exemplo, que o CNPQ - Instituto de Fomento à Pesquisa do Governo Federal - só concede bolsas de iniciação científica a alunos de graduação com idade inferior a 24 anos. Grande parte dos graduandos de comunidades populares são trabalhadores e ingressam na universidade com idade superior a 22 anos. Assim, coloca-se, de imediato, uma grande dificuldade para que eles possam se constituir como efetivos produtores de conhecimentos científicos em sua vida profissional. Além disso, perde-se a oportunidade de se coletar dados e construir formas de interpretação das comunidades populares pelos próprios atores locais.<sup>46</sup>*

Por outro lado, havia a compreensão de que a reunião de alunos envolvido em movimentos sociais em suas comunidade tornaria o trabalho mais eficaz e objetivo, já que, nesse caso, conta-se com financiamentos específicos e com tempos previamente estabelecidos.

Entretanto, essa estratégia além de ser contraditória aos pressupostos educacionais e, principalmente, políticos definidos pelo Observatório de Favelas foi, segundo a análise da coordenação, um dos motivos que contribuíram para a não consolidação das *redes sociopedagógicas* locais, o que

---

<sup>46</sup> Fonte: relatório FORD 2004

será discutido no próximo subitem.

Os universitários selecionados pelo projeto receberam bolsas de iniciação científica e toda infra-estrutura para que fossem fundados escritórios em suas comunidades, para o desenvolvimento do trabalho. Durante o período de formação os bolsistas procuraram locais em suas comunidades para que pudessem ser montados os núcleos locais. Encontrar um local viável e disponível nas comunidades era uma tarefa dos universitários intermediada, quando necessário, pelos coordenadores, articuladores locais.

O número de bolsas disponibilizadas pelo Observatório de Favelas era restrito, 5 por comunidade e em comunidades menores, como Chapéu Mangueira e Cantagalo 3 somente. O processo de seleção foi, inicialmente, entendido como solução ideal para distribuição das mesmas. Porém a coordenação avalia essa distribuição como uma das dificuldades, impecilio, a construção das Redes locais.

“Acho que poderia até construir um processo autogestionário. Ou seja, ‘chegou a ter um momento que nós pensamos assim’ nós temos um recurso x e a idéia é que o grupo defina o que fazer com esse recurso x. O recurso x, o que que era? Era o montante das bolsas”<sup>47</sup>

A proposta de autogestão do montante das bolsas seria sem dúvidas a consolidação de um espaço mais autônomo que por conseguinte enfrentaria outros desafios. É importante pensar que as bolsas funcionam para os universitários como um apoio na manutenção de seus estudos, ou seja. a partir do momento em que se perde o “salário” os universitários estão mais propícios a encontrarem outro trabalho ou a serem mais fluidos com relação as atividades de pesquisa propostas pelo Observatório de Favelas.

---

<sup>47</sup> idem

Em síntese a compreensão de que todo e qualquer projeto precisa ser estruturado e pensado de acordo com os objetivos que se deseja concretizar é fundamental. O projeto de formação de Jovens Universitários Moradores de Espaços Populares realizado pelo Observatório de Favelas possuía objetivos que em parte não se consolidaram. A concretização das Redes locais era entendida como resultado, não realizado, de duas estratégias fundamentais do projeto. A primeira era, a formação intelectual que teve como base a construção de conhecimentos sobre os espaços populares, reconhecimento e crítica das informações veiculadas pela mídia sobre esses, e estruturada em instrumentos necessários para a atuação em pesquisa, levantamento, tratamento e análise de dados. A segunda foi o desenvolvimento de propostas de pesquisa diretamente relacionadas com o cotidiano das comunidades, ou seja, reconhecimento das práticas locais.

Apesar de terem sido realizadas as duas estratégias citadas não foram condições exatas para que se consolidassem as Redes locais. Qual será o motivo de as Redes locais não terem sido consolidadas?

## A Formação dos Pesquisadores Sociais

A atuação em parceria, em rede, o que se consolidou em parte, contribuiu para a realização do processo de formação de jovens universitários moradores de espaços populares.

O *Observatório Social de Favelas*, concebido inicialmente como um programa do IETS - Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade, teve como primeira atividade a análise dos dados do Censo Maré - 2000 e o levantamento de representações e definições oficiais sobre espaços populares. Posteriormente, se deu início a formação da *Rede de Jovens Pesquisadores Moradores de Espaços Populares*. O interesse do OF de investir na formação de jovens moradores de espaços populares está aliado à formação de *intelectuais orgânicos*, discussão feita por Gramsci.

*Quem melhor, que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação?*<sup>48</sup>

A proposta de formação de jovens moradores de espaços populares está de acordo com os questionamentos de Paulo Freire, já que, se acredita que os moradores de espaços populares seriam questionadores em potencial de suas próprias realidades. Investiu-se, nesse sentido, na instrumentalização teórica desses.

*Pensamos as redes sociopedagógicas como espaços de ampliação e difusão de **direitos culturais**, isto é, estas redes têm o papel central de transformar a cultura em espaço de sociabilidade e de afirmação da democracia, dando um sentido mais palpável a idéia de cidadania, o que pode ser feito articulando-se algumas dimensões muito presentes na discussão contemporânea sobre política*

---

<sup>48</sup> FREIRE, 1987.

*cultural*.<sup>49</sup>

O trabalho em rede é um dos objetivos constituintes do Observatório de Favelas. A formação de uma rede sociopedagógica, constituída por jovens universitários moradores de espaços populares foi pensada como um nó fundamental para o desenvolvimento do projeto.

Esse nó representa o encontro entre universitários oriundos de comunidades populares diferentes. Apesar dos jovens possuírem trajetórias sociais semelhantes essa diversidade de relações e olhares sobre os espaços populares contribuiu para um outro objetivo, a construção de novas interpretações e compreensões dos espaços favelados a partir de seminários e discussões. Tema que foi intensamente discutido e pensado com o grupo no processo de formação.

Os conhecimentos discutidos sobre as *comunidades* estavam “alicerçados a uma visão de favela que privilegia o reconhecimento das estratégias encontradas pelos moradores no cotidiano e contribua para a diminuição das desigualdades sociais”.<sup>50</sup>

Os jovens bolsistas vivenciaram o processo de formação juntos, moradores de 10 comunidades populares diferentes discutindo e pensando sobre os seus espaços de origem. Questionando as informações parciais e equivocadas divulgadas sobre os espaços populares e construindo junto com a coordenação do Observatório de Favelas conhecimentos até então distantes das favelas, de valorização desse local. A valorização não como algo *exótico*, relação de estrangeiros com os espaços favelados, mas como reconhecimento da expansão e consolidação do fenômeno da favelização. Fenômeno constituinte e

---

<sup>49</sup> Relatório sobre à Juventude 2004

<sup>50</sup> Fonte: relatório FORD 2004.

constituído na dinâmica da cidade do Rio de Janeiro

A formação da Rede Sociopedagógica que detonou as atividades de pesquisa propostas pelo Observatório de Favelas do Rio de Janeiro foi tecnicamente desmanchada em meados de 2003. O término do financiamento principal para o desenvolvimento do projeto impediu a continuidade do trabalho.

A falta de financiamento inviabilizou a continuidade do trabalho, fato característico de muitos projetos sociais implementados em espaços populares. Políticas públicas ou iniciativas privadas, em geral, convivem com essa ameaça, realidade cruel aos moradores de espaços favelados. Os Movimentos Sociais para se sustentarem dependem de financiamentos e quando optam pelo trabalho voluntário correm um risco sério de desenvolverem ações fragmentadas e com pouca qualidade.

O processo de formação tinha um objetivo específico construir um grupo de pesquisadores sociais envolvidos com os espaços populares. Os jovens universitários moradores de comunidades populares tiveram acesso a instrumentos de pesquisa para que pudessem, assim, desenvolver as propostas de levantamento de dados e investigação encaminhadas pelo Observatório de Favelas.

A atuação paralela ao projeto possibilitou a convivência com a dinâmica de algumas atividades, cursos de formação, aplicação de questionários nas instituições e organizações do Cantagalo, reuniões de núcleos, o maior contato se deu no Chapéu Mangueira, enfim. Pôde-se a partir de tal proximidade entender que não foram muitos os espaços reservados a autonomia dos bolsistas. O que era um assunto recorrente em conversas da própria

coordenação, ou seja, uma preocupação e um compromisso do OF, não foi deflagrado pelo fato de não terem sido implementadas estratégias nesse sentido.

Desta forma o protagonismo, que era entendido como incremento fundamental para a articulação dos pesquisadores sociais em suas comunidades e intervenção junto a outras organizações foram discursos correntes que não passaram de verbalizações. A proposta de formação de redes locais que atuassem em parceria, articuladas, aos movimentos sociais desenvolvidos em cada comunidade não se consolidou completamente.

A formação da rede sociopedagógica teve por base a realização de cursos que visam estimular um olhar mais sistemático acerca da realidade. O comprometimento do Observatório de Favelas com um novo arranjo social, a realização da cidadania ampla, no qual, moradores de favelas sejam atores participantes e responsáveis na dinâmica social dos *espaços populares* em que moram e da cidade do Rio de Janeiro, está expresso em relatórios e documentos sobre o projeto.

#### O objetivo dessa formação

*é exatamente o desenvolvimento da curiosidade crítica, insatisfeita, indócil. Curiosidade com que podemos nos defender de “irracionalismos” decorrentes do ou produzidos por certo excesso de “racionalidade” de nosso tempo altamente tecnologizado.*<sup>51</sup>

A rede de jovens pesquisadores proposta a partir desses princípios modifica, mediante a estudos e produção de conhecimentos, a representação social das favelas. Os bolsistas foram protagonistas nesse processo de divulgação e discussão de olhares diferenciados sobre os espaços populares.

---

<sup>51</sup> FREIRE, 1996

A formação interdisciplinar, da qual, participaram os Jovens Universitários abrangeu cursos de **Metodologia da Pesquisa**; sobre **Pesquisa e Referenciação Bibliográfica**; de **História Oral**; **Seminários sobre Espaços Populares**; de **Avaliação e Monitoramento de Políticas Públicas – IPEA**; de **Produção Textual** e; de **Formulação de Projetos Sociais**.

Os cursos eram estruturados em encontros participativos, na leitura e debate dos temas. Os bolsistas eram convidados, a todo momento a intervirem no processo de formação.

Os esforços do Observatório de Favelas foram direcionados na construção de conhecimentos instrumentais para a compreensão crítica das favelas pelos estudantes. A aprendizagem de técnicas de pesquisa e de construção de projetos foram investimentos concretos para a potencialização dos universitários em referências locais capazes de avaliar e monitorar políticas públicas, produzir informações socioeconômicas, educacionais e culturais e ampliar as experiências de cultura e sociabilidade.

A proposta era de promover uma *rede sociopedagógica*, na qual, moradores de favelas seriam protagonistas na produção de diagnósticos socioculturais e educacionais e na avaliação, desenho e monitoramento de políticas públicas locais e globais. Os atores sociais envolvidos no projeto desenvolveram pesquisas sobre realidades concretas e produziram conhecimentos sobre os espaços populares que serão utilizados como referenciais a entidades que desenvolvam trabalhos sociais em favelas do Rio de Janeiro.

## **Sobre as Redes Sociopedagógicas**

Segundo Souza e Silva, redes sociopedagógicas são espaços nas comunidades, nos quais, os moradores participam de variadas formas de sociabilidade, onde são lançados a diversidade e que essa de alguma forma interfere na construção de seus projetos de futuro. Ou seja, todas as redes de relações, nesse sentido poderiam ser compreendidas como redes sociopedagógicas. Porém a proposta do projeto era que se estabelecessem parcerias entre as diversas intervenções sociais existentes nos espaços populares e os diversos atores sociais.

Os jovens universitários nesse sentido seriam referências locais na discussão, avaliação e intervenção em políticas sociais implementadas em espaços populares. Os jovens reunidos participaram e articularam cada um em seu local a implementação dos núcleos locais, o que seria o nó desse processo. Os núcleos locais

“são dotados de uma infra-estrutura básica composta por mesa de reuniões, armários, material de escritório, um telefone, um computador e impressora. Tratam-se de “nós” de uma rede, cuja criação tinha por objetivo estimular: a formação de uma rede sociopedagógica nas comunidades e entre elas, voltada para a produção de conhecimento e novas formas de inserção; fortalecer as idéias de participação comunitária e cidadania; afirmar a primazia das relações de solidariedade e participação igualitária de todos os envolvidos com a experiência. De 2001 a 2003, o OF implantou cinco núcleos: Chapéu-Mangueira/ Babilônia; Cantagalo/ Pavão-Pavãozinho; Maré; Rio das Pedras e Vila Kennedy.”<sup>52</sup>

As redes sociopedagógicas, que seriam, nesse sentido, um trabalho de parcerias, não só, dentro de cada comunidade, mas também, o intercâmbio entre as comunidades, não se estabeleceram. Elas existiram durante o

desenvolvimento do projeto, a atuação dos Jovens universitários nas propostas de pesquisa em suas comunidades, a fase de aplicação de questionários, por exemplo, para a construção do Mapa das Instituições, foi um período de existência das redes locais.

Os bolsistas mantinham, para execução de tal tarefa, uma relação mínima com a dinâmica de cada projeto social existente em suas comunidades. Além das atividades desenvolvidas, a todo momento, nos núcleos locais que dinamizavam aqueles locais. A produção de textos históricos, tratamento de dados recolhidos em pesquisas, reuniões para avaliação do andamento do trabalho, discussões sobre a divisão de tarefas entre os universitários, disponibilidade de tempo e informações a interessados sobre o tema Favelas, entre outros, foram algumas das atividades que constituía a dinâmica dos núcleos. Os núcleos locais do Observatório de Favelas funcionaram, em geral, como referência de conhecimentos e informações sobre as comunidades.

Nesse panorama os jovens eram protagonistas e atuavam na dinâmica da rede constituída pelos núcleos locais do Observatório de Favelas e em contato direto com a coordenação. Porém, o protagonismo dos jovens dentro das suas comunidade não foi muito além de uma proposta. Os bolsistas mantinham contato direto com as políticas e ações sociais desenvolvidas em suas comunidades durante o processo de levantamento de dados em que essas estivessem inseridas e participavam da dinâmica de alguns poucos projetos sociais os quais já atuavam antes da entrada para o Observatório de Favelas do Rio de Janeiro. Como exemplo, o núcleo Chapéu Mangueira e Babilônia eram parte da coordenação do Pré-vestibular Comunitário existente, o núcleo da Maré, que hoje autônomo, já estava inserido na dinâmica de atividades do

---

<sup>52</sup> Fonte: relatório FORD 2004

CEASM – Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré, continua funcionando como programa dessa organização.

Entretanto, a maioria dos núcleos está parada. A falta de financiamento imobilizou a ação dos jovens universitários moradores de espaços populares. Apesar de terem participado de uma formação ampliada que os proporcionou o aprendizado de construção de projetos sociais, do desenvolvimento de pesquisas, enfim os ex-bolsistas em grande maioria não deram continuidade aquele espaço, núcleos locais, considerados nós para a atuação dos pesquisadores sociais.

E supõe-se, que a não vivência desse protagonismo durante o processo de formação tenha sido um dos elementos que contribuíram na não consolidação das redes locais. Os bolsistas tiveram acesso aos conhecimentos, mas não os vivenciaram junto com a coordenação do Observatório de Favelas. O protagonismo se restringiu assim a estruturação dos núcleos para o desempenho das atividades de pesquisa propostas pelo Observatório de Favelas e na discussão e divulgação de conhecimentos sobre espaços populares em outros espaços que não só o OF, como as universidades das quais faziam parte e o círculo de atuação pessoal.

Os ex-bolsistas poderiam enfim exercer livremente os conhecimentos apreendidos no processo de formação que vivenciaram, por exemplo, investirem na elaboração de projetos para captação de novos financiamentos, nesse caso, locais e deflagrarem atividades autônomas. O protagonismo local de atuação e proposição autônoma de atividades de pesquisa e discussões locais não se concretizou.

## **Sobre a Prática de Pesquisa**

O Observatório de Favelas do Rio de Janeiro tem produzido pesquisas importantes sobre favelas. As propostas e os temas desenvolvidos com a *Rede de Jovens Pesquisadores* tinham sempre como base a aproximação dos bolsistas com as comunidades nas quais viviam. Uma proposta que em tese resultaria na articulação das redes locais.

O protagonismo, porém, com relação a produção das pesquisas é um dos elementos que merecem reflexão. Os bolsistas eram envolvidos em várias etapas do desenvolvimento, por exemplo, na construção de instrumentos metodológicos teórico-práticos, processo de formulação de questionários que seriam aplicados por esses em suas comunidade, na aplicação dos questionários, no tratamento e na análise dos dados. Por outro lado os bolsistas não participaram de nenhuma etapa de formulação e/ ou proposição de temas de pesquisa.

Entende-se aqui que o oferecimento de um espaço, onde os jovens fossem realmente convidados a formular e acompanhados, instrumentalizados, para que pudessem realizar uma proposta construída pelos núcleos locais seria entendido de fato como vivência concreta do protagonismo, como formação real dos pesquisadores sociais. Entende-se, como já foi explicitado anteriormente que os limites de tempo e financiamento certamente foram definitivos na não concretização do resultado projetado que seria a constituição das redes locais.

O envolvimento desses bolsistas em investigações dos seus territórios foi uma das estratégias metodológicas idealizadas no sentido de se constituírem, a partir, das redes sociopedagógicas, as redes locais. O conhecimento seria, nesse

sentido, um possível elo entre os componentes dos núcleos do Observatório e atores de projetos desenvolvidos em cada comunidade.

Apresenta-se aqui algumas das atividades produzidas junto com a Rede de Jovens Universitários Moradores de Espaços Populares:

## 1 MAPA DAS INSTITUIÇÕES

A primeira pesquisa na qual os estudantes participaram foi o mapeamento das instituições existente em suas comunidades. Os universitários aplicaram questionários e visitaram os diversos projetos e instituições (Religiosas, Educacionais, Governamentais, Não-Governamentais e de Saúde) que atuam em suas comunidades, a coleta desses dados serve como banco de dados disponível a todo e qualquer órgão que queira desenvolver atividades de pesquisa ou reconhecimento desses espaços.

A localização espacial das instituições nas comunidades facilita a relação entre as diversas iniciativas públicas e privadas promovendo assim a interação e a formação de uma rede local de atores. As informações disponíveis, a partir, desses questionários permitem a avaliação do alcance e da qualidade dos serviços disponíveis nas comunidades, além do reconhecimento da estrutura política de cada instituição.

## 2 – AVALIAÇÃO DO CHEQUE-CIDADÃO

O curso de **avaliação e monitoramento de políticas públicas** ministrado pelo economista Pedro Olinto permitiu a participação dos bolsistas na avaliação do projeto Cheque Cidadão em suas comunidades. Pesquisa proposta por uma pesquisadora do IETS (Instituto de Estudos Trabalho e Sociedade). O objetivo

da pesquisa era avaliar o impacto dessa política pública iniciativa do governo do Estado do Rio de Janeiro nas comunidades onde o Observatório de Favelas atua.

### 3 PROJETO MEMÓRIA DAS COMUNIDADES

Os bolsistas fizeram uma coleta de documentos diversos que os possibilitasse resgatar e elaborar um histórico das suas comunidades. Fotos, atas de reuniões comunitárias, documentação das associações de moradores, conversas com moradores mais antigos e lideranças comunitárias, reportagens, entre outros materiais foram reunidos e possibilitaram a sistematização de históricos locais.

Esses dados enriquecidos com informações divulgadas por institutos de pesquisas, como IBGE, IPP, ENCE, entre outros favoreceram a construção de importantes documentos históricos sobre cada um dos espaços favelados que compunham o Observatório de Favelas. Essa proposta de pesquisa motivou imensamente os bolsistas que foram desvendando junto com moradores da própria comunidade as suas histórias, a história do local onde vivem.

### 4 - O IMPACTO DA UNIVERSIDADE NA VIDA DOS UNIVERSITÁRIOS DE ESPAÇOS POPULARES:

Em cada um dos 5 espaços populares foram feitos levantamentos para se conhecer os universitários e pré-universitários moradores dessas comunidades. Foram organizados encontros com eles para discussão do tema Favela, para troca de informações sobre as comunidades e para que se consolidassem

parcerias com os núcleos locais do Observatório de Favelas.

*“A pesquisa pretende estimular a organização desses estudantes nos espaços locais, bem como contribuir na mudança da maneira das universidades se relacionarem com os alunos dos territórios populares e com seus espaços de vivência”<sup>53</sup>.*

As propostas de pesquisa estavam plenamente de acordo com a consolidação das redes locais, bem como todos os outros pilares de sustentação da formação dos Jovens Universitários. Porém com o término do financiamento os núcleos locais e o que se pretendia protagonismo, a atuação dos pesquisadores sociais está em suspenso. Por que será? Os instrumentos e caminhos foram disponibilizados, mas o Observatório de Favelas projetou um resultado que foge do seu alcance.

---

<sup>53</sup> Trecho retirado do relatório do Observatório de Favelas – *Síntese das Atividades do Observatório Social de Favelas*

## VI. Conclusão

A *capacidade de agir com a teoria* discutida por Bourdieu, em sua crítica aos Movimentos Sociais<sup>54</sup>, foi o exercício travado nesse trabalho. A possibilidade de investigar e discutir o projeto Rede de Jovens Pesquisadores Moradores de Espaços Populares desenvolvido pelo Observatório de Favelas satisfaz a necessidade de fechamento do processo de iniciação científica.

Discutir o *distanciamento e a invisibilidade social* experimentados pelos moradores de espaços populares na dinâmica social da Cidade do Rio de Janeiro foi fundamental para a compreensão de que o Observatório de Favelas compromete-se com a promoção e divulgação de saberes diferenciados, na *contramão* das políticas *conservadoras e progressistas*.

O Observatório de Favelas do Rio de Janeiro coordenou o projeto de formação de pesquisadores sociais. Empenhou-se no trabalho com jovens universitários creditando a esses o protagonismo e a articulação de ações sociais em suas comunidades. Os moradores de espaços populares, bolsistas do projeto, eram os sujeitos sociais, alvos de interesse dessa organização, potencialmente preparados para construir conhecimentos e informações novas sobre suas comunidades.

A formação das Redes Sociopedagógicas pilar estruturante dessa organização consolidou-se no processo de formação. Um grupo de 25 bolsistas atuaram juntos na discussão e debate de conhecimentos sobre os espaços favelados, na construção de instrumentos teórico-metodológicos para atuação em pesquisas e desenvolveram propostas de pesquisa encaminhadas pela coordenação do Observatório de Favelas. Essa Rede foi composta de muitas

---

<sup>54</sup> BOURDIEU, 1998

parcerias, professores universitários, representantes de movimentos populares, estudiosos sobre o tema favela e jovens universitários moradores de espaços populares.

Apesar de os núcleos locais estarem, em grande maioria, desativados após o término do financiamento que possibilitou a consolidação do projeto, o Observatório de Favelas tem continuado o trabalho de formação de jovens universitários envolvidos com temas sociais e principalmente com o fenômeno da *favelização*.

O projeto Rede de Jovens Pesquisadores Moradores de Espaços Populares, está crescendo e se expandindo. A metodologia proposta pelo Observatório de Favelas será incorporada como Política Pública pelo Governo Federal e começa a tomar novos rumos. A reformulação da proposta possibilita atualmente a intervenção de jovens não-moradores de espaços populares interessados na discussão e está sendo implementada em outros Estados do país.

Certamente, essa é a gestação de formas diferenciadas de intervenção do poder público em espaços populares. O reconhecimento dos problemas sociais como questões a serem pensadas e discutidas pela sociedade em geral. A busca de soluções para a transformação do lamentável quadro de desigualdades sociais vividos nesse país é responsabilidade de todo cidadão.

*Gosto de ser homem, de ser gente, porque não está dado como certo, inequívoco, irrevogável que sou ou serei decente, que testemunharei sempre gestos puros, que sou ou que serei justo (...). Gosto de ser homem, de ser gente, porque sei que a minha passagem pelo mundo não é predeterminada, preestabelecida. Que o meu "destino" não é um dado mas algo que precisa ser feito e de cuja responsabilidade não posso me eximir. Gosto de ser gente porque a História em que me faço com os outros e de cuja feitura tomo parte é um tempo de possibilidades e não de determinismo. Daí que*

*insista tanto na **problematização** do futuro e recuse sua inexorabilidade.*<sup>55</sup>

A construção de *um outro mundo possível*, lema do Fórum Social Mundial – FSM, depende de responsabilidade e compromisso e principalmente de ousadia. O educador citado acima contribui para a reflexão das nossas ações *no mundo e com o mundo*.

---

<sup>55</sup> FREIRE, 1996.

## VII. Bibliografia

### Fontes e *Mimeos*

*Chapéu Mangueira: uma breve relato Histórico e Geográfico.* Fonte: Observatório de Favelas (Núcleo Chapéu Mangueira e Babilônia). *Mimeo*

LANES, Fernando. *A construção do imaginário e as interpretações sobre a favela: divisão social do espaço e segregação social.* *Mimeo*

PINHEIRO, Diógenes. *Educação e Trabalho em Favelas Cariocas.* Relatório de Pesquisa. *Mimeo*

\_\_\_\_\_. *A Cidade como Possibilidade e Lugar do Encontro.* *Mimeo*, 2003.

\_\_\_\_\_. *O Observatório Social de Favelas e o desafio da pesquisa em espaços populares.* *Mimeo.*

### Artigos e Livros

BARBOSA & SOUZA E SILVA, Jorge Luiz & Jailson de. *Observatório Social de Favelas do Rio de Janeiro.* In: Trabalho e Sociedade - IETS, ano 2, nº 3, Abril de 2002, p. 3 - 5.

BOAL, Augusto. *O Banquete de Macbeth.* In: PROPOSTA - FASE, nº 93/94, Junho/ Novembro de 2002.

BOURDIEU, Pierre. *Contrafogos: táticas para enfrentar a invasão neoliberal* / Pierre Bourdieu; tradução Lucy Magalhães. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,

1998.

COSTA, Jurandir Freire. *A ética democrática e seus inimigos*. In: NASCIMENTO, Elimar Pinheiro (Org.). *Ética*. Brasília: Garamond, 1997, p. 67 – 87.

FORRESTER, Viviane. *Uma estranha ditadura / Viviane Forrester*; tradução Vladimir Saflate. – São Paulo: Editora UNESP, 2001.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*, 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.

\_\_\_\_\_. *Educação como Prática da Liberdade*, 22ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*, 8ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GULLAR, Ferreira. *Toda Poesia*. 9. ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2000. 511p. *Quem matou Aparecida – história de uma favelada que ateou fogo as vestes*, p. 123 – 133.

LIBAR, Márcio. *No avesso do Mundo – Teatro de Anônimo por uma nova cena circense*. In: Comunicações do ISER. Ano 21 – Edição Especial – 2002, p. 121 - 128.

PINHEIRO, Diógenes. *Exercitando a “Arte do Encontro”: A formação de Pesquisadores Populares em Favelas*. In: Cadernos de Educação 4; Educação e Diversidade. Duque de Caxias: UNIGRANRIO Editora, 2004.

SILVA, Francisco de Assis. *História do Brasil: Colônia, Império, República*. São Paulo: Moderna, 1992.

SOUZA MINAYO, Cecília de (org.). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ, Vozes, 1994.

SOUZA E SILVA, Jailson de. "*Porque uns e não outros*" *Caminhada de jovens pobres para universidade*. Rio de Janeiro, Sette Letras, 2003.

\_\_\_\_\_. *Adeus, "Cidade Partida"*. In: *Trabalho e Sociedade - IETS*, ano 3, nº 5, Março de 2003, p. 25 - 28.

\_\_\_\_\_. *Um espaço em busca de seu lugar: as favelas para além de seus esteriótipos* In: *Territórios, territórios/ Programa de Pós-Graduação em Geografia*. Niterói: PPGeo- UFF/ AGB, 2002, p. 107 - 125.

\_\_\_\_\_. *A pluralidade de identidades no Bairro Maré – Rio de Janeiro*. In: *Geographia*, Niterói: UFF/ EGG, ano 3, nº 5, 2001.



UNI-RIO

Universidade do Rio de Janeiro

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA  
DISCIPLINA : MONOGRAFIA II

ALUNO(A) : Livia de Souza Vidal.

TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO : A Construção  
dos Projetos Sociais - Investigação sobre a Formação  
de jovens Universitários Moradores de Espaços Populares  
ORIENTADOR : Dr. Diógenes Pinheiro.

**FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL**

Primeiro avaliador : **Professor convidado**

Professor: Angela Maria SOUZA MARTINS

Nota : 10,0 (DEZ)

**Considerações Finais:**

O trabalho de Livia é de grande signi-  
ficado, pois reflete sobre a formação de jovens Uni-  
versitários moradores em espaços populares.  
Livia expõe os avanços e impasses dessa  
formação, apresentando um trabalho bem  
estruturado, com questionamentos muito  
pertinentes. Disserte sobre uma realidade  
que nós conhecemos profundamente, as  
favelas e seus jovens. Diante do exposto  
comprova a validade a nota 10,0 (dez.)  
Dull

Segundo avaliador : Professor orientador

Professor : Diógenes Pinheiro

Nota: 10,0 (DEZ)

Considerações Finais:

O trabalho trata de uma  
tema relevante, que é o progressivo  
ingresso nas universidades públicas de  
jovens vindos de espaços populares -  
favelas e periferias da cidade.

A autora consegue produzir uma  
reflexão crítica, mas solidária com  
os estudantes que têm participado  
desse processo de democratização do  
ensino superior brasileiro.

Confiro a atual nota 10,0 (DEZ)

Terceiro avaliador : Professor da disciplina Monografia II

Professor: Ligia Azeite

Nota : 10,0

Considerações Finais:

O trabalho contém os principais elementos de um trabalho científico (normas ABNT)

**RESULTADO FINAL**

Avaliador 1	Avaliador 2	Avaliador 3	Pontos	Nota final
10,0	10,0	10,0	30,0	10,0

Rio de Janeiro, 15/3/2005

L. Azeite

**QUADRO RESUMO - ORIENTAÇÕES**

Mês Novembro de 2004. (à distância)

Dia	01	02	09	11
Atividade	Envio da Proposta de Estudo.	Releitura de Elaboração de Projeto	Envio do Projeto + Estruturado	Retorno e/ intervenções e proposições
Professor		*		*
Aluno	*		*	

Mês Dezembro de 2004. (orientação à distância)

Dia	04	07	16	18
Atividade	Envio da 1ª Es. estrutura e esboço sobre o tema	Indicações de leitura / envio de textos	Apresentação da redação + Propostas...	Críticas e intervenções. Emendamentos
Professor		*		*
Aluno	*		*	

Mês Janeiro de 2005.

Dia	03	05	<del>12</del>	13
Atividade	Reunião p/ leitura conjunta	Reapresentação do texto reescrito	Proposta de Revisão das últimas partes	Apresentação final
Professor	*		*	
Aluno	*	*		*

Mês Janeiro de 2005.

Dia	14	19		
Atividade	Entrega do texto lido e corrigido.	Envio da versão final		
Professor	*			
Aluno		*		

Mês \_\_\_\_\_

Dia				
Atividade				
Professor				
Aluno				